

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDO SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS E RELAÇÕES DE TRABALHO
DOS OPERÁRIOS DA FABRILJUTA (1960 – 1980) EM PARINTINS –
AMAZONAS)**

PARINTINS – AM

2019

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDO SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MATHEUS RODRIGUES DA SILVA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: EXPERIÊNCIAS E RELAÇÕES DE TRABALHO
DOS OPERÁRIOS DA FABRILJUTA (1960 – 1980) EM PARINTINS –
AMAZONAS)**

Trabalho apresentado para obtenção de nota Final
no Curso de Licenciatura em História,
apresentado como requisito parcial de avaliação
da disciplina TCC II, sob orientação da prof. Júlio
Claudio da Silva.

PARINTINS – AM

2019

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO	5
ECONOMIA, GÊNERO, HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO URBANAS: A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A FABRILJUTA.....	6
A HISTÓRIA ORAL E A ANÁLISE DOS TESTEMUNHOS	8
OPERÁRIOS E OPERÁRIAS DA FABRILJUTA.....	9
SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA FÁBRICA DE TECELAGEM EM PARINTINS	13
Fabriljuta: Instalação, produção e importância.....	14
AS RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO NA FABRILJUTA	17
Relações de Trabalho	19
Fabriljuta e as relações de gênero	20
Memórias para encerrar	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
FONTES ORAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

RESUMO: Este artigo tem como finalidade abordar as relações de trabalho dos operários e operárias na linha de produção da Fabriljuta em Parintins, Amazonas, nas décadas de 1960 a 1980, através da metodologia da história oral. Assim, procuramos analisar o protagonismo desses operários e operárias no período da juta na cidade de Parintins, o que nos permitiu colher evidências de suas trajetórias e desafios através das entrevistas com esses sujeitos históricos. Ao analisar esses relatos procuramos destacar a construção da memória desse ex-operários sobre as condições de trabalho, divisão de trabalho e as desigualdades de gênero dentro do ambiente da fábrica. A Fabriljuta funcionou entre os anos de 1960 a 1980, implementada pelos grandes projetos de desenvolvimento para a região Amazônica, e tornou Parintins, uma cidade de médio porte, principal núcleo urbano do Baixo-Amazonas, atraindo migrantes de diversas regiões, seja da zona rural ou de outras cidades da Amazônia, que se tornariam operários da Companhia Fabril de Juta de Parintins (Fabriljuta).

PALAVRAS-CHAVE: Fabriljuta, Trabalho, História Oral, Memória, Gênero, Parintins.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como finalidade apresentar as experiências e trajetórias de ex-operários e operárias que estiveram ligados à linha de produção da Companhia Fabril de Juta de Parintins - Fabriljuta entre os anos de 1960 a 1980. Segundo Esteves (2015, p. 4), a Fabriljuta “foi a primeira indústria de médio porte instalada no município de Parintins- AM com trabalho permanente, ou seja, produzindo o ano todo em três turno diários e não apenas no período de safra”. A Fabriljuta representou um momento de desenvolvimento econômico para região do Baixo-Amazonas, com a criação de dezenas de milhares de trabalhos diretos e indiretos nos diversos setores da fábrica durante o seu período de atividade, empregando homens e mulheres durante quase três décadas de atuação (ESTEVES,2015).

A partir da utilização da metodologia da história oral, analisamos os testemunhos e a construção da memória desses ex-operários sobre a Fabriljuta verificando as condições de trabalho, identificando suas origens, se eram da zona rural ou urbana, e as condições socioeconômicas em que esses operários estavam inseridos. Motta (2012, p. 171) caracteriza os resultados ao se utilizar a história oral como metodologia, o qual seja, “a geração de documentos (entrevistas)”. Como metodologia diferenciada, a história oral apresenta perspectivas a partir do ponto de vista do entrevistado, sem a necessidade de separar o sujeito e objeto de pesquisa (MOTTA, 2012). Em outras palavras, o diálogo entre o entrevistador e entrevistado possibilita uma maior interação e interpretação das fontes orais.

Ao longo das entrevistas, algumas categorias surgiram dos relatos dos colaboradores. Dados os limites deste trabalho, não iremos analisar todas. O recorte das entrevistas possibilitou apresentar a história de vida dos operários e a condições que levavam a sua adesão à linhas de produção da Fabriljuta, como a migração, educação e trabalho; as relações entre operários e patrões, desigualdade de gênero, condições e ambiente de trabalho, e a importância da fábrica para os operários e para a cidade.

Essas categorias apresentadas permitem compreender o período de atuação da fábrica associando a dinâmica fabril na cidade de Parintins, partindo do processo de construção de memória dos ex-operários da Fabriljuta durante os anos de 1960 a 1980. Os três relatos aqui apresentados apontam imagens distintas sobre a fábrica, revelando os conflitos, reivindicações e silenciamentos sobre o que ocorria dentro da Companhia Fabril de Juta de Parintins (Fabriljuta). O recorte geográfico dessa pesquisa é o município de Parintins, no estado do Amazonas, na região do Baixo-Amazonas, distante cerca de 369 km em linha reta da capital

Manaus (MARCELO, 2017). Segundo o Censo de 2010¹, possuía uma população de 102.033 habitantes.

Ao analisarmos esse recorte queremos evidenciar o protagonismo dos ex-operários e operárias considerando suas memórias em contraste com história oficial em torno da Companhia Fabril de Juta de Parintins. Para construirmos esse artigo partimos das seguintes problematizações: Qual imagem que esses ex-operários tem sobre a Fabriljuta? É possível identificar como se dava o processo de exploração do trabalho de homens e mulheres na fábrica de juta? Qual a visão desses trabalhadores sobre os seus trabalhos? Quais eram as suas dificuldades para executá-los ou decorrente da exploração da sua mão-de-obra? Com essas questões, lançamo-nos ao desafio da pesquisa.

ECONOMIA, GÊNERO, HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO URBANAS: A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE A FABRILJUTA

Reconhecendo a importância histórica, social, econômica e política da Fabriljuta para a cidade de Parintins, vários trabalhos de pesquisa foram desenvolvidos apontando interpretações acerca do contexto denominado ciclo da juta. Expondo os impactos da introdução de uma companhia de tecelagem para a cidade, bem como apresentando o período de fundação e funcionamento, as relações de trabalho e gênero, sua importância econômica, seu declínio, e as transformações urbanas, as pesquisas utilizaram várias abordagens epistemológicas, como será exposta nesta sessão.

As várias fases econômicas na região amazônica, resultaram nas transformações urbanas nas cidades da região. Tatiana Shor e Thiago Marinho (2013) em seu artigo *“Ciclo econômico e periodização da rede urbana no Amazonas – Brasil as cidades de Parintins e Itacoatiara de 1665 a 2010”* indicam mudanças histórico-geográfica ocasionada seja pela expansão ou pelo declínio econômico, que configurou o desenvolvimento das cidades amazônicas como Parintins, transformando-a em cidade média e referência para toda a região do Baixo Amazonas. Segundo Shor e Marinho (2013), o ciclo econômico da juta revalorizou as cidades ao longo do rio Amazonas na região que corresponde de Manaus a Santarém, entre os estados do Amazonas e Pará. Em Parintins imigrantes japonesas começam a plantar sementes de juta e malva. As políticas de integração e a introdução do capital internacional e nacional colaboraram para a implementação de prensas e fábrica de tecelagem em Parintins, contribuindo para

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Aspectos Demográficos**. 2010. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em: 20/09/2019

expansão da rede urbana, infraestrutura, educação e meio de produções fabril.

Além do fator econômico e urbano, as relações sociais, divisão de trabalho, participação na sociedade, e os motivos que levavam esses sujeitos a adentrarem na fábrica, são caracterizados na pesquisa de Ana Beatriz Rodrigues Farias (2010). Ao tratar de vivências, o objetivo da autora é evidenciar o protagonismo dos ex-operários, desconstruindo a imagem de que esses sujeitos eram simples telespectadores no ápice das transformações que ocorriam na época, mostrando uma Parintins antes e durante o funcionamento da Fabriljuta.

O período de 1960 a 1980 é o recorte considerado o auge da produção da fibra de juta e malva em Parintins, segundo Farias (2010). Em seu trabalho acerca das “*Vivências de operários do setor Jutículo na cidade de Parintins-AM na década de 60*” destaca esse espaço temporal como de grandes transformações, ocorridas especificamente com a instalação da Companhia Fabril de Juta de Parintins (Fabriljuta) que ocasionou na implementação de um parque industrial na cidade. Ao apontar as experiências e trajetórias de vida de ex-operários, Farias (2010) considera importante elucidar todas as dimensões que envolve esse contexto.

Esse contexto também é destacado por Denison Silvan e Iraildes Caldas Torres (2015) em seu artigo “*Memória operária: a Fabriljuta vista a partir da história oral*”, se utilizando dos relatos orais para interpretar o contexto econômico, social, e com os testemunhos apresentar uma narrativa sobre as lutas, desafios, e quais memórias esses trabalhadores escolheram revelar sobre a Fabriljuta. Contribui para compreender o que foi esse “desenvolvimento” para a região, quais dinâmicas socioeconômicas e culturais que caracterizam o período de atuação da fábrica.

Ao fazer as interpretações sobre relações e narrativas produzidas sobre esse contexto, torna-se necessário compreender a questão de gênero, evidenciando o protagonismo das mulheres que trabalharam como operárias dentro da linha de produção da Fabriljuta, destacando suas histórias, e as desigualdades entre os sexos. Norma Jeane Esteves (2015) em seu trabalho “*Gênero e Juta: Numa perspectiva de trabalho e Gênero*” define a Companhia Fabril de Juta de Parintins (Fabriljuta), a partir das visões de ex-operárias que caracterizam sua introdução a fábrica, abordando seu cotidiano, relações entre operários e operárias, as relações de poder entre as trabalhadoras e o patrão, além da jornada de trabalho.

Entender a importância da Fabriljuta para Parintins envolve compreender toda a dinâmica que esse contexto apresentou durante as décadas de atuação da fábrica na cidade. As transformações geraram a introdução de novos meios de produção, relações sociais, migração e desigualdades. Mesmo após a juta ter deixado de ser a principal atividade econômica da cidade, Parintins ainda é referência devido ao festival Folclórico de Parintins no contexto regional e nacional, além de ser um polo educacional que atende todo o Baixo Amazonas.

A HISTÓRIA ORAL E A ANÁLISE DOS TESTEMUNHOS

Nossa pesquisa ilumina a visão dos trabalhadores, seus relatos sobre processos históricos e suas experiências com o trabalho na Fabriljuta. Para construir essa análise sobre as experiências e trajetórias de vida desse ex-operários utilizamos a metodologia história oral. Segundo Alberti (2011, p. 155), “a história oral nos permite o registro de testemunho e o acesso a história, dessa forma amplia a possibilidade de interpretação”. Por meio das entrevistas de história oral, se revelou um leque de problematizações sobre o papel e a condição dos operários na Fabriljuta, buscando assim uma interpretação da história “vista de baixo”.

Conforme Verena Alberti (2013 p. 33), “o trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim”. A subjetividade torna a história oral significativa ao buscar compreender as mentalidades e emoções de determinados agentes históricos, que participaram de algum fato/conjuntura, individualmente ou coletivamente (ALBERTI,2013).

Passerini (2000, p. 212) destaca o caráter “subjetivo dos começos históricos” delimitando assim a época e o espaço que constituem o tempo histórico. Segundo a autora, o começo, definição, tempo e espaço são fundamentais para construção de um presente, quer seja uma pesquisa histórica de longa duração, quer seja uma pesquisa de memória. Ferreira e Amado (2000, p. 24) elucidam que “a história do tempo presente contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e a limitam”.

Seguindo a perspectiva de Alberti (2013) a história oral destaca o cotidiano, família, emoções, gestos, e o não dito, das mais diversas camadas sociais. Alberti (2011, p. 166) aponta que, “a capacidade de a entrevista contradizer generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica – e nesse sentido permite uma mudança de perspectiva”. Assim,

A entrevistas de história oral – seu registro e transcrito – documenta uma visão do passado. Isso pressupõe que essa visão e comparação entre diferentes visões tenham passado a ser relevantes para os estudos nas áreas das ciências humanas. Trata-se de ampliar os conhecimentos sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio aprofundado das experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer as relações entre o geral e o particular, mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações (ALBERTI, 2013, p. 26)

Alberti (2011) também nos apresenta os conflitos e negociações de memórias,

elucidando as várias disputas sobre a memória, que predominam dentro dos diversos grupos, comunidades e nação, sendo necessário analisá-los em sua totalidade. Quanto à memória, Michel Pollak (1992), a define inicialmente como algo particular de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, sendo esta mutável, sujeita a transformações constantes. O autor evidencia que a memória, seja individual ou coletiva, irá selecionar marcos temporais, que não seguem uma linearidade dos fatos históricos. Entretanto, ao se realizar uma entrevista de história oral, por exemplo, o sujeito lembrará daquilo que foi considerado marcante para sua vida, retornando várias vezes ao mesmo período e lugar (POLLAK, 1992, p. 201). Meihy (2002, p. 131) defende que “a experiência deve, desde logo, ser o alvo principal das histórias orais de vida, pois não se busca a verdade e sim a versão sobre a moral existencial”.

Toda fonte está relacionada a produção de uma imagem sobre determinado período, por isso todo documento é construído sob uma intenção. Segundo Alberti (2011), isso se deve ao caráter propositado de vincular uma memória ao passado, o que resulta na importância das escolhas dos entrevistados como testemunhas a serem ouvidas.

Durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa, alterações foram feitas pois as entrevistas com colaboradores não atenderam os objetivos iniciais desta pesquisa. A história oral leva em consideração a qualidade da entrevista (ALBERTI, 2011), e não quantidade; assim, sendo nosso recorte, temático, destacando as histórias sobre as trajetórias dos operários da Fabriljuta e suas experiências dentro da fábrica. Entretanto ao longo das entrevistas, evidenciou-se que não conseguiríamos atingir os objetivos propostos, pois uma parte dos possíveis colaboradores identificados já haviam falecido ou não foi possível localizá-los. Também pesou a qualidade das entrevistas realizadas com trabalhadores e trabalhadoras.

OPERÁRIOS E OPERÁRIAS DA FABRILJUTA

É necessário considerar que a história oral não encontra respostas (FERREIRA, 2012), mas levanta os problemas, na interdependência de outras fontes historiográficas que convergem para interpretar determinada conjuntura (ALBERTI, 2011). Esses testemunhos são relatos de operários e operárias com base no processo de construção de memória desses sujeitos históricos que retratam suas experiências, relações e trajetória de vida. Segundo Pollak (1989) ao privilegiar a análise dos excluídos, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p. 4). Em outras palavras, destaca os silêncios, exclusão e as emoções, tornando a história oral uma metodologia

diferenciada e essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, com entrevistados que estiveram diretamente ligados à linha de produção da Fabriljuta, sendo selecionados 3 colaboradores: Adamor Costa Ferreira, Maria Nazaré Matos Cid e Maria Augusta da Silva.

Adamor Costa Ferreira nasceu no dia 10 de junho de 1948, quando da entrevista contava 70 anos de idade. Natural do Município de Faro no Estado do Pará, na parte atualmente renomeado como Terra Santa. “Município de Faro depois foi desmembrado e ficou dois municípios, Faro e Terra Santa, Terra Santa e município de Faro”². Segundo o processo de construção de memória do senhor Adamor, sua migração para Parintins teria ocorrido quando ele contava sete anos de idade. Muito provavelmente no ano de 1955.

Adamor é descendente de nordestinos, que emigraram para a região amazônica durante o ciclo da borracha, em busca de melhores condições de vida. “Os meus pais eram nordestinos eles eram de Baturité no Ceará, e a família veio toda meus tios vieram na fama da borracha no Amazonas que jorrava dinheiro então eles vieram e foram se localizar em Tarauacá muito em cima perto de Feijó”³. Essa construção de memória recorda a representação da Amazônia “em torno da ideia de riqueza” (ALVES, 2018, p. 2), trazendo à tona o mito do eldorado que se construiu em torno dessa região.

Esse mesmo mito trouxe o seu avô e família, que se instalaram na cidade de Tarauacá, perto de Feijó, no estado do Pará, porém o pai de sr. Adamor nasceu em Terra Santa. A família da mãe do sr. Adamor era natural de Oriximiná, no Pará, conforme seu relato. “De um lugar de Sapuquá, ela era daí mesmo. Aí meu avô que era de Cametá, era gente que tirava concha, naquela altura tinha venda de concha, tiravam concha, ele veio pra aí e casou com a minha avó no município de Oriximiná ela era daí mesmo”⁴.

Adamor Costa Ferreira narra várias fases em sua vida, indo e voltando de Parintins, definindo a cidade durante as décadas de 1960 a 1970 como uma referência em termos de educação e emprego, sendo este o principal motivo de sua família ter escolhido a cidade para morar na época. “Porque nós viemos pra cá pelo pau rosa, que existia um tio meu que tinha uma usina de beneficiamento de essência do pau rosa, e o meu pai veio administrar”⁵. Portanto, a Amazônia apresenta-se em sua narrativa como espaço de busca de crescimento financeiro, bem como para milhares de outros imigrantes no século XX.

Seu Adamor esclarece que veio para estudar, porém retornou ainda rapaz para o Pará,

² Entrevista com o Sr. Adamor Costa Ferreira, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

³ *Idem.*

⁴ *Idem.*

⁵ *Idem.*

indo trabalhar com juta e gado, e regressou para Parintins com objetivo de concluir seus estudos no colégio Nossa Senhora do Carmo. Sendo este uma escola religiosa e que atendia principalmente a elite local, Adamor revela que em 1962 teve que prestar um exame de admissão para adentrar nessa instituição escolar. Ele explica que precisou interromper diversas vezes seus estudos para trabalhar e ajudar no sustento de sua família.⁶

Até 62, até a 5º série, até o exame de admissão como se diz né (risos), aí eu parei tive que volta pro Pará passei 10 anos parado, quando voltei existia o supletivo, surgiu o supletivo que era uma coisa mais avançada, demorava menos, aí eu fiz o supletivo, aí eu continuei, aí quando eu tentei duas vezes a oitava série, mas foi o tempo que eu já estava casado ou tinha que fazer uma coisa ou outra, ou parava de estudar para sustentar a família, que nessa altura já tinha a Fabriljuta e foi aonde eu fui empregado, aí comecei como balanceiro e terminei na parte administração porque eu conhecia profundamente a matéria né, que no tempo era a juta... (Adamor Costa Ferreira, 2019).

Ao narrar sua infância, Adamor Costa Ferreira afirma que foi severa, se comparada com os dias atuais, sendo que a maior parte dela foi vivida em Parintins. Cita as mudanças de valores culturais e sociais que regiam a sua vida e de sua família. Ele começou a trabalhar aos dez anos, ajudando seus tios no balcão da loja deles, na função de vender e embrulhar. Trabalhava para ajudar seus pais, que gerenciavam seu dinheiro. Por não conseguir conciliar trabalho e estudos, optou pelo primeiro, começando sua trajetória como operário: “Eu fui vindo desde do roçado porque lá no Pará onde a gente fazia juta e de lá eu vim conhecendo quando cheguei, passei a conhecer mais, porque trabalhei em prensa de juta ainda primeiro, antes da Fabriljuta trabalhei em prensa”.⁷ Assim, um conhecimento prévio sobre a matéria-prima da juta, tendo trabalhado na plantação e extração da juta na zona rural, permitiu sua adesão à Fabriljuta.

Adamor Costa Ferreira aponta que começou a trabalhar na Fabriljuta em 1972 como balanceiro por indicação de seu irmão, que começara a trabalhar alguns anos antes. Mas, o colaborador esclarece que antes de ingressar na fábrica, já havia trabalhado em outras companhias de prensa de fios de juta, comércio e administrou usinas de pau rosa. Seu Adamor aponta que sua experiência, “porque trabalhei em prensa de juta primeiro”, lhe garantiu subir de cargo dentro da fábrica chegando ao posto administrativo: “Fabriljuta, a entrada de fibra era administrada por mim na época antes era outro, mas depois eu passei administrar tudo lá, então por onde entrava a matéria prima tudo era administrado por mim”. Ao garantir um cargo na administração, Seu Adamor consegue estabilidade dentro da Fabriljuta.⁸

⁷ *Idem.*

⁸ *Idem.*

Quando foi em 75 a Fabriljuta já era de uma outra empresa como se diz era de um outro grupo que era de Belém, aí eles me descobriram né, que eu já tinha trabalhado em prensa também e eu conhecia tipos de juta, tipo por tipo, a classificação como era feita pra poder mandar no caso pra fábrica de tecelagem, aí foi que o outro que tava no lugar houve uma teima entre o diretor industrial com esse rapaz, ele saiu e aí me chamaram pra assumir a direção, aí eu trabalhei mais dois anos, aí depois eu passei a trabalhar por minha conta. (Adamor Costa Ferreira, 2019)

Segundo Farias (2010) a estabilidade e fiabilidade tornaram o ambiente fabril, um lugar que garantiria um rápido retorno salarial, pois mesmo em situação de exploração e desvalorização do ofício, os operários optavam pela fábrica que lhes garantiam o maior tempo de trabalho.

Maria Augusta da Silva, 73 anos na data de nossa entrevista, nasceu em 21 de abril de 1943. Ela não sabe se nasceu na cidade de Parintins ou na Agrovila de Vila Amazônia, comunidade da zona rural de Parintins, contendo apenas seu registro de nascimento como indicador de origem a cidade de Parintins: “Olha quando eu já me conheci, já estava morando aqui, meus pais também moravam aqui minha mãe também aliás, ela foi criada por um japonês na vila Amazônia, agora não sei se nasci lá ou se nasci aqui, sei que meu registro é daqui”.⁹ A referência à mãe de Dona Maria Augusta, nos remete aos japoneses (SILVAN, 2015; 2018), responsáveis pela introdução da juta no Amazonas.

Maria Augusta da Silva, aos oito anos de idade, ficou sob proteção de sua madrinha, que a levou para Manaus, onde passaria parte de sua infância, retornado para Parintins aos doze anos. De volta à cidade, e com a morte de seu pai, a mãe de Maria Augusta entrega a sua custódia a outra pessoa: “Aí foi o tempo que meu pai morreu minha mãe me entregou para uma mulher filha do patrão dela, ela era ruim comigo, fui falar com o juiz, contei para o juiz que ela era ruim comigo e ele me tirou dela”¹⁰. Devido aos maus-tratos, o juiz coloca Maria Augusta sob a guarda do Estado, até atingir a maioridade.

Olha, eu comecei a trabalhar eu tinha 16 anos passei a trabalhar e eu trabalhei primeiro no Cardoso na fábrica de juta do Cardoso e trabalhei também depois que parou eu fui chamada no tempo que eu trabalhei numa firma ali da Martins Mello, depois no formos para Fabril, aí permanecemos uns anos na Fabril e depois eu sair no tempo que meu marido se afastou e nós fomos mora lá no Uiacurapá [zona rural de Parintins]. depois viemos pra cá, mas minha casa é aqui mesmo desde que começou isso aqui eu moro aqui. (Maria Augusta da Silva, 2019).

Segundo o relato de dona Maria Augusta da Silva, ela trabalhou inicialmente nas

⁹ Entrevista com a Sra. Maria Augusta da Silva, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

¹⁰ *Idem.*

fábricas de prensa, que funcionavam apenas alguns meses durante o ano: “Porque era assim as fábricas era de 6 e 7 meses, aí a gente ficava sem trabalho, aí tinha a S. A. Araújo, tinha Martins Mello, tinha a Sobral Santos que era lá perto do Cais do porto, era a Sobral Santos.”¹¹ Isso revela que a maioria dos operários da Fabriljuta possuía alguma experiência com a produção do fio de juta e malva, devido ao trabalho nas fábricas de prensas.

Maria de Nazaré Matos Cid, 75 anos na ocasião da entrevista, nasceu em 07 de novembro de 1947, em Parintins, enquanto seus pais eram da zona rural. “A nossa casa era ali onde é a Moto-Honda, onde era a estrada, a gente morava em Parintins quase não existia nada né, era estrada de rodagem que chamava”.¹² Sua infância então seria residindo na estrada da rodagem, atual Avenida Nações Unidas, até que seu pai faleceu, e sua mãe vendeu o terreno onde moravam.

Fomos embora andar com ela né, ficamos sem casa, andamos e andamos. Aí foi tempo que ficamos tudo moça, ela teve 7 filhas e 3 homens né, do primeiro casamento foi só um homem e do segundo já foi dois homens, aí nós ficamos e ficamos, e foi o tempo que eu me casei, aí eu comecei a trabalhar né, meu marido também era novo, ele tinha 19 anos, acho eu tinha eu acho que 16 anos. (Maria de Nazaré Matos Cid, 2019).

Maria de Nazaré Matos Cid destaca em sua narrativa que sua mãe vendeu o terreno de sua família a um preço muito baixo, o que levou a ficarem sem casa, morando em diversos lugares. Após se casar, dona Maria de Nazaré começa a trabalhar para ajudar no sustento de sua família, passando roupa e trabalhando como empregada doméstica, até finalmente começar a trabalhar com carteira assinada nas prensas de juta e depois na Fabriljuta. “É porque naquele tempo havia necessidade né, o marido trabalhava numa fábrica e eu trabalhava em outra, aí nos sobrevivemos desse trabalho né, a Fabriljuta sempre abriu as portas para os operários”.¹³

Maria de Nazaré Matos Cid revela em sua fala o sentimento de orgulho pelos anos que dedicou ao mundo do trabalho e como isso ajudou na sobrevivência de sua família. “Olha mano eu trabalhei um bocado de tempo, eu entrava e saía, nunca trabalhei avulso, na fábrica todo tempo foi carteira assinada.”¹⁴ Ela fez questão de mostrar sua carteira de trabalho e apontou a quantidade de assinaturas, principalmente aquelas relacionadas às prensas de juta e a Fabriljuta

SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA FÁBRICA DE TECELAGEM EM

¹¹ Entrevista com a Sra. Maria de Nazaré Matos Cid, realizada no dia 14 de junho de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

¹² Entrevista com a Sra. Maria de Nazaré Matos Cid, realizada no dia 14 de junho de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

¹³ *Idem.*

¹⁴ *Idem.*

PARINTINS

Após o ciclo da borracha, a região Amazônica passou por uma nova dinâmica empresarial, como apresenta Silvan e Torres (2015), inaugurando novas atividades econômicas, como a agroindústria e o agronegócio. A expansão da cultura da juta esteve atrelada aos grandes projetos de desenvolvimento da Amazônia incentivadas pela demanda do mercado e pela entrada do capital nacional e internacional. De acordo com Ferreira (2016):

O início da indústria da juta na Amazônia, portanto, foi favorecido pelos desdobramentos da economia mundial e pelas mudanças trazidas no pós-guerra. Regionalmente, a política adotada pelo governo federal e estadual favoreceu o capital industrial e financeiro ligado ao setor, que se deslocou para a região. (FERREIRA, 2016, p. 187)

Os grandes projetos de desenvolvimentos estimulados pelo capital industrial e pelo Estado para a Amazônia (FERREIRA, 2016) contribuíram para a implementação das primeiras fábricas de fibra e sacaria de juta e malva em diversas cidades, inclusive Parintins. José Raimundo Esteves se beneficiando das políticas para o setor de produção da juta, foi responsável por organizar a primeira indústria de fiação e tecelagem de médio porte em Parintins durante seu mandato como prefeito (ESTEVES, 2015). Silvan e Torres (2015) também apontam Djard Viera, ex-prefeito de Parintins, como um dos investidores da Fabriljuta junto com José Raimundo Esteves, apontados como representantes da Sobral Santos S.A Comércio e Indústria

A Companhia Fabril de Juta de Parintins (Fabriljuta) teria iniciado suas atividades com objetivo de atender o mercado nacional e internacional por fibra de juta e malva, por iniciativa do empresário e político Jose Raimundo Esteves (ESTEVES, 2015). Durante o tempo que a companhia funcionou, segundo Silvan e Torres (2015), foi responsável por processar 9.000 toneladas de fibra de juta por ano.

Fabriljuta: Instalação, produção e importância

Não há um consenso sobre a data de fundação da Fabriljuta. Silvan e Torres (2015) consideram o ano de 1967 como ano de fundação da fábrica, financiada pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e com incentivos da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Já Esteves (2015) recorta os anos de 1964 a 1982 como período de atuação da fábrica. Farias (2010) afirma que os anos de 1960 seria implantada a companhia de tecelagem

na cidade, pertencendo a companhia de empreendimentos de J.G de Araújo, que seria uma companhia amazonense que adquiriria a antiga empresa chamada de Companhia Industrial do Amazonas (CIA), confiscada de emigrantes japoneses expulsos do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar das divergências entre o período de fundação, os anos de 1960 a 1980 compreendem o momento que a Fabriljuta seria fundada e se consolidaria como uma fábrica têxtil. A fábrica, segundo Farias (2010), tinha como objetivo atender as demandas da produção de juta, que eram enfiadas e transformadas em embalagens e enviadas para outros mercados.

De acordo com Ferreira (2016), a implementação das indústrias de produção da fibra e sacarias de juta no estado do Amazonas contribuiu para o aumento da cadeia produtiva no campo e desenvolveu economias de várias cidades como Parintins, que passou ter a Fabriljuta como sua única fábrica e principal atividade econômica responsável por empregar a maior parte da população. Também proporcionou que outros setores pudessem se desenvolver, como olarias, madeireiras e usinas de beneficiamento de pau rosa. Conforme Ferreira (2016):

Muito antes das indústrias eletroeletrônicas aportarem em “terras baré”, com o advento da Zona Franca de Manaus (ZFM), hoje o Polo Industrial de Manaus (PIM), a indústria de aniagem já havia se estabelecido no Amazonas e no Pará. Com o estabelecimento dessa indústria na região, a produção no campo se ampliou e, apesar de toda a fragmentação da cadeia produtiva, dinamizou a economia de vários municípios desses estados. (FERREIRA, 2016, p.186).

Antes da instalação da fábrica, Parintins tinha como principais atividades econômicas o extrativismo, pecuária e comércio (BUTEL, 2012). A fundação da Companhia Fabriljuta configurou uma nova dinâmica social para a cidade de Parintins, resultando na migração da zona rural e de outras cidades vizinhas, atraídas pelas transformações ocorridas no contexto urbano, como infraestrutura, educação além novas oportunidade de emprego. Farias (2010) expõe que além da oportunidade de melhorar de vida no quesito econômico ao conseguir um emprego seja na Fabriljuta ou nas fábricas de prensas, Parintins ofertaria melhores condições para os estudos. Essas condições estavam atreladas a expansão da indústria da fibra de juta. Ser operário da Fabriljuta era sinônimo de estabilidade e melhores condições de vida.

No campo político, é evidenciado que no ano de 1965 a Câmara Municipal de Parintins apresenta um ofício sobre o plano de implementar uma indústria de tecelagem na cidade. Outra característica da importância política da fábrica estava na eleição dos diretores da Fabriljuta, que segundo Butel (2012), era comunicada diretamente à câmara dos vereadores.

Silvan (2018) apresenta as relações políticas que envolvia a cadeia de produção agrícola

e industrial.

Com trabalho e condições de trabalho específicos, os estratos laborais agrícola e industrial da cadeia produtiva da juta constituíram-se em meio às articulações políticas e empresariais necessárias para dotar a região da infraestrutura agroindustrial compatível com a produção de sacaria de juta em escala industrial. Estas características nos permitem afirmar que a cadeia produtiva da juta, com um segmento agrícola rural e outro urbano industrial, foi a primeira atividade econômica regional considerada como agronegócio, envolvendo desde a produção de sementes, passando pelo cultivo e beneficiamento da fibra, até a comercialização da sacaria industrializada em fábricas amazonenses e paraenses. (SILVAN, 2018, p.50-51)

Silvan (2018) aponta que as articulações políticas foram fundamentais para a criação de uma cadeia produtiva agroindustrial, contribuindo para a formação de parques industriais destinados a produção de sacarias na região amazônica. O período de produção da fibra de juta e malva seria o ápice da transformação econômica, social e cultural para toda a região entre o Centro-Amazonense e o Baixo-Amazonas paraense (SILVAN, 2018).

A linha de produção na fábrica de tecelagem era dividida em vários setores que envolviam a produção de fiação, transporte, confecção de sacarias, tecelagem de telas (tecidos). Cada setor da fábrica representava uma função e produção de um produto desenvolvido dentro da Fabriljuta. De acordo com Silvan e Torres (2015, p. 10), “a Fabriljuta fabricava tecido feito de fio de juta, chamado comumente de tela, e, também, a saca ou saco de juta propriamente dito, cuja principal utilização era no transporte de café brasileiro para exportação”. Para explicar quais eram e como esses produtos eram desenvolvidos dentro da Fabriljuta é imperativo entender o processo industrial envolvido.

O processo industrial pode ser dividido em duas etapas, a primeira envolvendo a prensagem da juta em fardos, para o transporte, e segunda etapa envolvendo a industrialização propriamente dita, processo que envolve a fiação (produção de fios), a tecelagem de telas (tecidos) e a confecção de sacos pelas costureiras. Neste contexto, temos as principais funções desempenhadas pelo operário da juta: preparador (da fibra); fiandeiro (confecção dos fios da juta); tecelão (responsável pela operacionalização das máquinas de produção dos tecidos); costureira (confecção da sacaria de juta); e operário de acabamento e embalagem, além de assistente de controle administrativo. (SILVAN, 2018. p. 52)

Silvan (2018) ao destacar o processo industrial, caracteriza os produtos e quem os produziam, relacionando cada aspecto que envolvia a dinâmica fabril e a confecção. A Fabriljuta recebia a fibra de juta e malva de várias partes do Amazonas, mas seu produto era destinado aos mercados nacionais da região sul e sudeste e mercados internacionais sendo a Argentina o maior importador, como afirma Seu Adamor.

Para mim o maior problema que nós tivemos não foi só pela fibra, mas o maior problema que nós tivemos foi justamente com aquela guerrilha nas Malvinas, o maior comprador do nosso produto era Argentina e com a guerrilha não passava o nosso produto, era feito aqui em Parintins e estocado em Belém. (Adamor Costa Ferreira, 2019)

A guerra das Malvinas, iniciada no ano de 1982, teria grande impactos na produção de sacarias, já que o principal destino internacional dos produtos da Fabriljuta estava em conflito. A dependência desse mercado é explícita nas falas de seu Adamor, já que isso seria umas das causas para o declínio da produção na fábrica devido à dificuldade para exportação. Shor e Marinho (2013) evidenciam que em 1964, Parintins exportava em seus portos de 1/3 a 1/4 de toda produção estadual de fibra de juta. Todavia, a década de 1980 representa o declínio da produção de juta devido ao encarecimento da produção, falta de mercado e a substituição da fibra de juta por materiais sintéticos.

AS RELAÇÕES DE TRABALHO E GÊNERO NA FABRILJUTA

Seguindo a perspectiva de Silvan (2018) sobre o ambiente fabril, podemos compreender os desafios que os operários e operarias enfrentavam na linha de produção da Fabriljuta.

Em tais ambientes fabris, os operários e as operárias, quase sempre homens e mulheres jovens, saudáveis, eram submetidos a condições de trabalho monótonas, desgastantes e insalubres, respirando um ar abafado, impregnado com as microfibras da juta, que punham à prova seus limites fisiológicos, mentais e emocionais (Silvan, 2018 p.91).

Apesar de exaltar a Fabriljuta como lugar de oportunidade, Adamor Costa Ferreira descreve um ambiente insalubre no qual os operários estavam inseridos e as consequências gerados por falta de proteção de segurança, como revela o caso das operárias do setor de costura local, onde mais se desenvolvia doenças dentro da fábrica.

E as mulheres, a maioria delas na parte de acabamento que dizer na parte de costura, assim industrial de fabricar o pano pra sacaria, e elas que costuravam, aí era um setor aonde mais adoecia pessoas, porque naquela altura eles não tinham uma proteção adequada e dava muita tuberculose porque não se enxercava a poeira, já não era muito trabalhada que não era uma poeira grossa, que a gente enxerga na própria ponta do nariz, mas aquilo era tão fino que a gente sentado não estávamos percebemos que estávamos inalando e no final saía muita gente doente. (Adamor Costa Ferreira, 2019).

Às mulheres, seu lugar reservado era o setor de classificação, segundo Adamor Costa Ferreira: “Nessa parte de empenamento tinha mais mulher, os homens só pra carregar mais peso, trazer os fardos, abrir, então era mais a mulher que tinham mais habilidade para fazer a

classificação, os homens não eram muito”. Seu Adamor sorri e afirma que esse trabalho era mais “adequado” às mulheres, devido os homens terem a função apenas de carregar e abrir os fardos de juta.¹⁵ Maria de Nazaré Matos Cid trabalhou em diversos setores da fábrica; em seu relato ela caracteriza sua função, na tecelagem e bobina onde tinha a responsabilidade de encher os carretéis de linha e também trabalhou na máquina de fiação.¹⁶

A função era assim, a gente ia pra lá a função era trabalhar dentro da fábrica mesmo, como eu te falei primeiro eu trabalhei na tecelagem que era máquina que ficava rodando para fazer a sarrapilha, depois trabalhei na bobina é onde enche os carretéis de linha depois eu trabalhei na fiação, era só de fiar ai quando arrebatava a linha ai eu corria dava o nó ai ela continuava dentro da fábrica. (Maria de Nazaré Matos Cid, 2019)

A Fabriljuta funcionava nos três turnos, manhã, tarde e noite, devido à alta demanda pela fibra, havendo assim necessidade de uma grande quantidade de operários que cobrisse os turnos. O setor de desembarque da fibra contava com 32 homens que se revezavam em turnos, sendo 16 trabalhadores em cada horário. Em seu relato sobre a linha de produção Maria Augusta da Silva, descreve a intensidade do trabalho dentro da Fabriljuta. Ela entrava às 7 horas da manhã e saía às 15 horas. Narra que o trabalho se dava pela demanda de fardos diários que seu turno deveria produzir: “trabalhava assim normal não, era assim por empreita, de quanto fardos a gente fizesse, aí a gente terminava aqueles fardos, aí a gente saía”. Portanto, seria possível que o expediente atravessasse o horário determinado, para cumprir a necessidade da meta.¹⁷

Nos primeiros anos de funcionamento da Fabriljuta, o ambiente de trabalho era nocivo para os operários, que lidavam com uma intensa poeira que a fibra da juta expelia, sem equipamentos de segurança de trabalho adequados. Adamor Costa Ferreira indica em seu relato a ocorrência de muitos acidentes no setor onde ele trabalhou. “Apenas com a introdução das normas de segurança do trabalho é que a fábrica foi adequando, principalmente pelo fato da Fabriljuta não querer custear o trabalhador enquanto ele estivesse parado devido algum acidente”¹⁸.

Então foram se adequando não é que chegasse lá e tinha tudo prontinho foram se adequando de acordo com a necessidade, mascara essas coisas ali quando viram que começou a acontecer os casos eles começaram, mas logo no início não. (Adamor

¹⁵ Entrevista com o Sr. Adamor Costa Ferreira, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

¹⁶ Entrevista com a Sra. Maria de Nazaré Matos Cid, realizada no dia 14 de junho de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

¹⁷ Entrevista com a Sra. Maria Augusta da Silva, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

¹⁸ Entrevista com o Sr. Adamor Costa Ferreira, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

Costa Ferreira, 2019).

Adamor indica que as mudanças na segurança de trabalho na fábrica ocorreram quando os administradores descobriram que as causas da doença e acidente que levava o afastamento dos operários estava nos setores da Fabriljuta.

Foi criada ASIFA que era contra acidente aí foram comprando e se adequando realmente melhor para podemos trabalhar para evitar os acidentes, por que cada acidente a fábrica justamente tinha que arca com a aquele trabalhador parado que dizer pagando ele aquela coisa toda então foram se adequando. (Adamor Costa Ferreira, 2019).

Enquanto dona Maria Augusta revela que, no período que trabalhou, essas adequações começaram a ser feitas, com a introdução de médicos para atender os operários “lá a gente tinha tudo, tinha medico ne, qualquer coisa assim tinha douto Romualdo ele que trabalhava lá, tinha enfermeiro se tinha alguma coisa assim tinha medico lá”¹⁹.

Fica exposto assim, que as mudanças e preocupações sobre o ambiente de trabalho na fábrica estava relacionado ao fato de o patronato querer evitar processos e gasto com o trabalhador que sofresse qualquer acidente dentro da Fabriljuta.

Relações de Trabalho

Adamor em sua fala reflete sobre as mudanças e as relações de trabalho dentro da Fabriljuta, ao mencionar que o sindicato não possuía força para pressionar os patrões. “Um sindicato fraquinho demais, teve uma época que nem queriam mais pagar o imposto sindical por isso, porque não tinha força nenhuma não ajudava o trabalhador”²⁰. A ausência de um sindicato forte abria espaço para a exploração do patronato, sendo o operário, já exausto, obrigado a fazer hora extra, já que a recusa podia resultar em demissão a qualquer momento.

Muita coisa aconteceu na Fabriljuta da seguinte maneira o diretor industrial por exemplo dizia Adamor nós precisamos trabalhar noite, nós já estávamos trabalhando duas noites seguidas ne, convoca o pessoal justamente pra trabalhar; fazia tudo em extra e aí o pessoal já tava cansado e muitas vezes diziam não “Seu Adamor eu não vou, eu não”; e eu dizia olha vocês sabem que não é por mim mas vocês sabem que se vocês não forem quando for amanhã com certeza vocês estão de ponta tiradas e terá outro no lugar de vocês (Adamor Costa Ferreira, 2019).

¹⁹ Entrevista com a Sra. Maria Augusta da Silva, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

²⁰ Entrevista com o Sr. Adamor Costa Ferreira, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

Adotando a lógica do sistema capitalista de oferta e demanda, que precisava manter mão de obra barata, criava-se uma condição de submissão do operário ao patrão que detinha o poder de substituí-lo a qualquer momento se recusasse a fazer o trabalho.

Dona Maria Augusta da Silva menciona que nunca discutiu ou foi destrutada na fábrica, porém confirma que seu patrão tinha uma característica autoritária e se encontrasse um funcionário fora de seu setor ameaçava despedi-lo imediatamente. Em seu processo de construção de memória, ela assinala que o sindicato fazia reuniões, mas que ela só observava de longe. E que o sindicato foi essencial para adequações na segurança dos operários na fábrica: “Eu acho que era a pedido do sindicato, por que eles não iam tirar da carteira dele porque queriam fazer né, sempre procuravam melhorar as coisas na Fabriljuta”²¹. Em contraste, Adamor evidencia que os operários por possuírem um fraco sindicato, valia as regras do patrão. “Daí a gente não tinha um sindicato forte era mais feito a base deles mesmo a parte patronal tinha peso justamente sobre o trabalhador como é até hoje né”²².

Adamor destaca que nunca foi destrutado na fábrica, mas que os operários que recebiam salários mínimos eram pressionados pelo patrão e aponta até casos de maus tratos, estando sempre sujeitos a demissões, caso não seguissem as ordens da administração. E a principal causa dessa arbitrariedade seria o fato de a cidade ser pequena e a classe operária não ser organizada, “a gente não tinha um sindicato forte era mais feito a base deles mesmo a parte patronal tinha peso justamente sobre o trabalhador como é até hoje né”²³.

Fabriljuta e as relações de gênero

As mudanças ocorridas no século XX nos aspectos culturais, políticos e sociais no Brasil possibilitaram a introdução da mulher no mercado de trabalho. Entretanto, as mulheres operárias já estavam inseridas no mundo do trabalho desde o século XIX. O capitalismo e sua ânsia por mão-de-obra configuraram uma nova lógica de produção onde as mulheres foram inseridas dentro das fabricas (BARBOSA; SILVA; NASCIMENTO, 2010). As mulheres começam a ocupar espaços considerados restritos, onde só podia adentrar se tivessem permissão, e por meio de luta conseguiram conquistar seus direitos ao mundo do trabalho.

²¹ Entrevista com a Sra. Maria Augusta da Silva, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

²² Entrevista com o Sr. Adamor Costa Ferreira, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

²³ *Idem*

Enquanto isso, Hildete Melo e Debora Tomé (2018) verificam uma lacuna na história do mundo do trabalho, afirmando que a literatura econômica ignorou por muito tempo as questões de sexo e gênero, tratando uniformemente como pessoas, homens e mulheres, não levando em consideração questões como salários e divisão de trabalho e as relações. Daniela Tristan (2016) elucida que esse silenciamento sobre o protagonismo das mulheres como agentes históricas por parte da historiografia econômica contribuiu para a construção de uma Amazônia onde o conceito de trabalho se limitava apenas aos homens. Rachel Soihet (2013, p. 77) apresenta o momento que a historiografia passa a destacar temas considerados excluídos pela historiografia clássica: “some-se a esse processo a segunda vaga do feminismo, ocorrido a partir dos fins anos 1960, que resultou um fértil intercâmbio, alcançando-se as mulheres à condição de objeto e sujeito da história”.

Segundo Soihet e Pedro (2007), as análises dos estudos sociais devem se basear na problematização dos três eixos que criam as desigualdades, como raça, gênero e classes, assim evitando naturalizações como o determinismo de papéis na sociedade entre o sexo masculino e feminino.

Um reconhecimento da mulher e das relações de gênero nas análises científicas, contudo, não pode esquecer que as relações e divisões de trabalho continuaram seguindo tendência de exploração capitalista junto com a desigualdade entre os sexos.

A introdução da mão de obra das mulheres passou pela necessidade de se ter trabalhadoras para determinadas atividades que eram, à época, essencialmente femininas, numa clara demonstração da lógica patriarcal entre trabalho leve e pesado, trabalho feminino e trabalho masculino. (ESTEVEZ, 2015, p. 8).

Segundo as narrativas dos nossos colaboradores, as mulheres que adentraram à Fabriljuta enfrentaram uma série de desafios. Eram contratadas para fazer trabalhos considerados femininos na perspectiva masculina. Assim, era reservado à maioria das operárias o setor de classificação, onde elas separavam a fibra de juta, definindo quais eram as melhores, ou a tecelagem, onde eram responsáveis por produzir os panos das sacas e trocar os rolos das máquinas de fiação. Deviam cumprir oito horas diárias, trabalhando os três turnos, que incluía as horas extras. A lógica patriarcal definirá que o “trabalho pesado” deveria ser destinado aos homens, que nesse caso trabalhavam no setor de embarque dos fardos de juta. Entretanto, quanto ao trabalho das mulheres dentro da Fabriljuta, é notado que não existia trabalho fácil ou leve e a exploração era perceptível.

Dentro da fábrica, além da exploração e péssimas condições no ambiente de trabalho,

os relatos também apontam barreiras para a contratação de mulheres. Uma das principais barreiras era a imposição de normas que dificultassem a contratação de mulheres grávidas, sendo submetidas a testes e exames comprobatórios antes de serem contratadas, já que por lei a empresa deveria garantir a licença-maternidade. Tais medidas visavam evitar o que eram considerados gastos e não direito da mulher; essas ações refletem a imposição do patriarcado junto ao sistema capitalista, resultando em padrões que deviam ser seguidos, bem como abdicar de seus direitos para assim poderem adentrar na fábrica. Segundo Saffiot (2013, p. 66) “a mulher faz, portanto, a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher”.

O sistema patriarcal, construído ao longo dos séculos, se configura nos diversos setores da sociedade e os eixos que criam essa desigualdade entre sexos não passaram despercebidos. Adamor Costa Ferreira cita que as mulheres deveriam esta submetidas a seguir regras e padrões ditados pela fábrica, exibindo a exclusão do sexo feminino do mundo do trabalho.

As mulheres era aquele negócio né, que realmente também sofriam pressão onde que até hoje existe isso de que não gostam de empregar mulher e era numa certa altura começaram a fazer exame em mulher, porque se ela tivesse gestante podia ser no primeiro mês, mas não entrava aí só entrava se caso é... Realmente pelo um descuido passasse e depois que tivesse lá dentro já não tinha mais jeito, até isso eles barravam eles não deixavam, era por causa daqueles direitos que a mulher tem de quantos meses depois do parto aquela coisa toda, então a fábrica eles tinham cuidado entre eles lá para não deixar isso acontecer. (Adamor Costa Ferreira, 2019).

Além das exigências para serem contratadas, as operárias da Fabriljuta também sofriam com assédio sexual por parte dos patrões, que usavam sua influência para pressionar as mulheres a terem relações com eles. Inclusive oferecendo vantagens dentro da fábrica, como aponta Adamor Costa Ferreira; se não cedessem, havia perseguição contra as operárias. “Quando ele podia, por exemplo, ele fazia aquela pressão toda, as vezes tiravam algum, isso aí não tenha dúvida”²⁴. Adamor destaca que os assédios não eram algo isolados ou desconhecidos pelos funcionários da fábrica. “O ser humano é assim se você tem o poder ele acha que pode tudo com aquilo, e como as vezes a fraqueza está lá com aquela coisa ele pega e oferece vantagens com qualquer coisa e acaba naquilo com certeza, sem a menor dúvida”²⁵. Inclusive sendo destacado pelo mesmo que algumas relações entre patrão e operarias resultaram em gravidez. Uma análise das relações de trabalho e de gênero parece estar unidas, em fios como de juta.

²⁴ Entrevista com o Sr. Adamor Costa Ferreira, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

²⁵ *Idem*.

Memórias para encerrar

Para os operários da Fabriljuta, ela torna-se um dos principais meios de sobrevivência, pois torna-se a maior fonte de renda de homens e mulheres. Maria Augusta da Silva aponta os benefícios da companhia: “Era uma fábrica que tinha tudo, tinha médico, tinha enfermeiro, aí a Fabriljuta era do tempo do seu José Esteves, era a única fábrica que tirava o tempo todo”.²⁶ O processo de construção de memória dos colaboradores sobre a fábrica foi idealizada em um aspecto positivo; entretanto, conforme Pollak (1989) isso revela como essa lembrança foi sendo projetada.

Pollak (1989), caracteriza as fronteiras do não dito, silêncios e a projeção de uma memória oficial sobre determinada conjuntura, que é transmitida do passado ao presente. Apesar de exaltarem a Fabriljuta como espaço de oportunidades, a dinâmica fabril consistia de exploração, condições de trabalho precário, má alimentação, e o desenvolvimento de doenças, e acidentes de trabalho (FARIAS, 2010). Os relatos nos apresentaram conflitos, reivindicações e silenciamentos (POLLAK, 1992) sobre o que ocorria dentro da Fabriljuta.

Sobre o período de declínio da Fabriljuta, em seu relato Seu Adamor aponta:

Ela se acabou nas mãos do grupo dos Amaral, eu não tô bem certo alguém vai lhe informar direitinho, e isso é uma coisa precisa do que vocês estão querendo e eu não lembro realmente a data que fechou porque ainda ficou assim horas funcionando horas não. (Adamor Costa Ferreira, 2019)

Assim, ao ligar ao grupo Amaral, o colaborador releva que a produção e funcionamento da fábrica estavam se encontravam nos estágios finais. Seu Adamor destaca a importância da fábrica para cidade, devido a quantidade de empregos que ela gerava, e fala com tristeza ao mencionar o declínio do que foi a principal atividade econômica da cidade durante quase 30 anos.

Aqui no ponta onde é a cidade Garantido, isso aí dá uma tristeza muito grande não pelo Garantido está lá, mas pela quantidade de empregos que a gente tinha aqui em Parintins e o movimento do dinheiro; hoje nós estamos sentindo a falta da juta porque não veio nada para substituir se não a pecuária. (Adamor Costa Ferreira, 2019).

Desse modo, essas memórias, marcadas pelo saudosismo, também registram o

²⁶ Entrevista com a Sra. Maria Augusta da Silva, realizada no dia 27 de março de 2019, em sua residência, na cidade de Parintins.

sentimento da perda, e permitem perceber a representação que a companhia Fabriljuta teve para a cidade de Parintins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprofundar na história dos operários por meio dos relatos orais possibilitou destacar a história e a importância de homens e mulheres que atuaram na única fábrica de médio porte de Parintins. O processo de construção de memória desses ex-trabalhadores, contribuiu para compreender o valor político, econômico e social da Fabriljuta, para a história da cidade de Parintins.

A introdução da fábrica e sua atuação durante quase três décadas, deu início a uma série de transformações, como a urbanização, a dinâmica de trabalho fabril e a expansão da rede de educação. Parintins tornou-se um dos principais núcleos urbanos da região do Baixo-Amazonas, atraindo migrantes de várias regiões da Amazônia. A memória construída sobre o período de auge da produção de fibra de juta em Parintins caracteriza um importante processo histórico a qual a cidade passou, que moldou o imaginário daqueles que participaram direta e indiretamente desse momento, destacando a intensidade dos trabalhos nas linhas de produção da Companhia Fabril de Juta de Parintins (Fabriljuta). Mas, entre sua exaltação escondia-se uma obscura realidade para homens e mulheres que procuravam uma maneira de sobreviver.

Desde que a Fabriljuta fechou as portas na década de 1980, apesar da produção da fibra de malva não ter sido extinguida completamente, Parintins não teria outra indústria do mesmo porte. Segundo Shor e Marinho (2013) desde a década de 1970 a principal atividade da cidade está relacionada a pecuária, sendo considerada uma das maiores produtoras do estado. Porém, sua fama nacional e internacional vem por meio Festival Folclórico de boi-bumbá.

Apesar de não analisarmos todas as categorias encontradas, devido a limitação desse artigo e das fontes orais, foi possível construir uma interpretação por meio das falas e diálogos com fontes secundárias sobre a realidade desses operários dentro da fábrica. A gratidão e o orgulho que esses trabalhadores sentiam por ter trabalhado na Fabriljuta, se entrelaçavam com a exploração, péssimas condições de trabalho, assédio moral e sexual, e exclusão do sexo feminino do mundo do trabalho.

Os desafios enfrentados por esses ex-operários demonstram uma Fabriljuta construída sob a idealização de uma história oficial, cujos alguns relatos afirmavam que não havia problema, e o outro lado de uma Fabriljuta real, que seguia as lógicas capitalistas de produção, impondo a mais-valia e não se preocupava com o ambiente de trabalho e evitava contratar

mulheres. Ao fazer a desconstrução de uma memória hegemônica, destacamos o não dito, lembranças que foram excluídas e silenciadas sobre o ocorrido dentro da linha de produção da Fabriljuta.

O propósito desse artigo foi apresentar, as experiências e trajetórias de vida desses ex-operários com base na sua atuação dentro da fábrica, cada um dos colaboradores trabalhou em um determinado setor, e a partir de suas memórias cada um construiu uma imagem sobre o que presenciou, viveu e enfrentou na Fabriljuta. Por meio da metodologia de história oral conseguimos desenvolver uma interpretação sobre a realidade desses operários, e significado que a Fabriljuta teve para a sua trajetória de vida, diretamente e indiretamente, destacando assim suas histórias.

FONTES ORAIS

CID, Maria de Nazaré Matos. Ex-funcionária da empresa Fabriljuta. Entrevista concedida ao acadêmico Matheus Rodrigues da Silva no dia 14 de junho de 2019, durante a pesquisa de campo no bairro de Palmares município de Parintins.

FERREIRA, Adamor Costa. Ex-funcionário da empresa Fabriljuta. Entrevista concedida ao acadêmico Matheus Rodrigues da Silva no dia 27 de março de 2019, durante pesquisa de campo no bairro Vitória Régia (Sham), município de Parintins.

SILVA, Maria Augusta da. Ex-funcionária da empresa Fabriljuta. Entrevista concedida ao acadêmico Matheus Rodrigues da Silva no dia 27 de março de 2019, durante a pesquisa de campo no bairro de Palmares, município de Parintins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. História dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 155-202.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVES, Ivanete da Silva. O mito do Eldorado amazônico desmontado em A selva de Ferreira de Castro. **Estudos Palimpsesto**, n. 17, p. 570-585, 2018. DOI: <10.12957/palimpsesto.2018.38370>

AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BARBOSA, Isabelle Lucia de Oliveira; SILVA, Angélica Pedrosa de Lima; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. Sexualidade e Honra na perspectiva de gênero nas revistas femininas e

feminista da cidade do Recife entre os anos (1900-1910). *In: Anais Eletrônicos do IV Colóquio de história – Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade*. Luiz C. L. Marques e Newton D. A. Cabral (Orgs.). Recife, 16 a 19 de outubro de 2010. p. 656 – 670. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.656.pdf>. Acesso em 20/05/2019.

BUTEL, Cristina; *et al.* (Org.). **História e Memória Política de Parintins**. Parintins; Câmara Municipal de Parintins, 2012.

ESTEVES, Norma Jeane. Fabriljuta de Parintins: numa perspectiva de gênero e trabalho. *In: Anais do III Congresso Pan-Amazônico de História Oral – IX Encontro Regional Norte de História Oral – VIII Semana de História do CESP/UEA*. Parintins; 2015, p. 01-13. Disponível em: <http://www.norte2015.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>

FARIAS, Ana Beatriz Rodrigues. **Vivências de operários do setor Jutículo na cidade de Parintins-AM na década de 60**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Parintins, Universidade do Estado do Amazonas, 2010.

FERREIRA, Aldenor da Silva. **Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia)**. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 169–186.

MARCELO, Tarciso Franco. **Área Central de Parintins-Am: Delimitação, classificação e caracterização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia). Parintins, Universidade do Estado do Amazonas, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4 ed. São Paulo, Loyola, 2002.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Debora. **Mulheres e poder: história e indicadores**. Rio de Janeiro: FGV, 2018.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 21-36.

PASSERINI, Luisa. A lacuna do tempo presente. *In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs). Usos & abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 212

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *In: Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200–212.

POLLAK, Michel. Memória., Esquecimento., Silêncio. *In: Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p. 3–15.

SAFFIOT, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão

Popular, 2013.

SCHOR, Tatiana; MARINHO, Thiago Pimentel. Ciclos econômicos e periodização da rede urbana no Amazonas - Brasil: as cidades Parintins e Itacoatiara de 1655 a 2010. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 56, p. 229-258, jun. 2013. DOI: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p229-258>>.

SILVAN, Denison. **Trabalhadores da Juta na Amazônia**: Trajetória de luta, suor e sofrimento. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2018.

SILVAN, Denison; TORRES, Iraildes Caldas. Memória operária: A Fabriljuta de Parintins vista a partir da história oral. *In*: **Anais do III Congresso Pan-Amazônico de História Oral – IX Encontro Regional Norte de História Oral – VIII Semana de História do CESP/UEA**. Parintins; Universidade do Estado do Amazonas, 2015, p. 01-13. Disponível em: <http://www.norte2015.historiaoral.org.br/site/anaiscomplementares>

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de Gênero: um depoimento. **Cadernos Pagus**, n.11, p. 77-87, 1 jan. 2013.

SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V 27, nº 54. 2007. p. 281–300.

TRISTAN, Daniela Rabelo Montes. **Trabalhadores da Tecejuta: Experiência Operaria e Construção de uma Memória numa fábrica Têxtil do Oeste do Pará (Santarém, 1951-1990)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2016.